



Arte na Escola[®]

Tela da animação "A cidade e nós... nós na cidade", criada a partir de fotografias digitais



XI Prêmio Arte na Escola Cidadã celebra a educação de qualidade

**Projetos vencedores em São Paulo, Minas Gerais,
Santa Catarina e Pará revelam a importância
da boa formação do professor na construção
de trabalhos exemplares**

O Boletim Arte na Escola festeja sua 60ª edição. Pela primeira vez, na seção CELEIRO DE IDEIAS, demos a palavra também à diretora de uma das escolas premiadas no Prêmio Arte na Escola Cidadã - não deixem de ler seu depoimento e mostrar à diretora de sua escola. Está ficando cada vez mais claro para nós que atrás de uma grande professora está ... outra grande mulher: uma diretora escolar acolhedora e incentivadora.

Este Boletim tem muito a dizer sobre o Prêmio e o que ele, no fundo, representa: a avaliação de nosso trabalho, que não deixa de ser uma fotografia do que acontece hoje com a Educação em Arte no Brasil. Vale a pena lê-lo com atenção. E por falar nisto daremos um presente para as dez primeiras respostas sobre o 60º Boletim. Responda de imediato:

– "Qual dos projetos premiados você gostaria de ter sido a autora e por quê?"

Boa leitura!

Evelyn Berg Ioschpe

Presidente do Instituto Arte na Escola
evelyn@artenaescola.org.br

2

Expediente

O Boletim Arte na Escola é uma publicação da rede Arte na Escola, produzido com o patrocínio da Fundação Ioschpe.

Conselho Editorial

Evelyn Berg Ioschpe, Helânia Cunha de Sousa Cardoso, Sebastião Gomes Pedrosa, Sílvia Sell Duarte Pillotto

Editora

Silvana Claudio

Jornalista responsável

Fábio Galvão MTB 20.168/SP

Redação

Fábio Galvão, Cecília Galvão e Raquel Zardetto (CGC Educação)

Projeto Gráfico Zozi

ISSN 1809-9254

Artigos, comentários e opiniões para este informativo devem ser enviadas para: Instituto Arte na Escola; Alameda Tietê, 618 – casa 3 CEP 01417-020, São Paulo, SP Fone (11) 3103.8080 contato@artenaescola.org.br

Fala Professor Premiado

Quem foi o professor que mais marcou a sua vida e por quê?

▶ Celina, professora de Artes do Colégio Objetivo, no 2º grau, em Brasília. Ela era uma mulher diferente. Sabia como envolver os jovens e nos despertava o interesse pelas artes. Promovia encontros e debates sobre várias linguagens artísticas. Ela foi responsável por despertar em mim a paixão e o poder da arte na sociedade.

Janaina Sandoval / São Paulo (SP) - Educação Infantil

▶ Tive muitos professores que marcaram a minha vida, uns pela serenidade, outros pelas propostas interessantes, outros pela sabedoria, mas tenho um carinho especial pela minha professora do "4º ano primário", como falávamos na época. Ela era muito séria, exigente e bonita! O nome dela era Élide Marques. Na vida adulta, tenho um carinho e uma referência especial na professora Lucimar Bello. Fui sua aluna na graduação e pós-graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Uberlândia e depois tive o prazer em tê-la na minha qualificação e banca de Mestrado no Instituto de Artes da Unicamp - sempre apontando caminhos e incentivando novas buscas e conquistas.

Soraia Lelis / Uberlândia (MG) – Fundamental I

▶ Elizabeth Milititsky Aguiar, que lecionou Teoria e Crítica de Arte no curso de licenciatura em Artes Visuais na UNESC, em 2005. Em certa aula, questioneei, indignada: "Será que vou sair deste curso sem saber responder a meus alunos o que é Arte?" Ela me respondeu: "Enquanto você acreditar que o professor deve dar respostas prontas para seus alunos, jamais será uma boa educadora de Arte." Ela me ensinou a ser professora-pesquisadora, me mostrou a importância da leitura e formação continuada para a constituição do professor de Arte e me apresentou o Instituto Arte na Escola e seus materiais.

Julmara Goulart / Criciúma (SC) – Ensino Fundamental II

▶ Eu tenho a mais profunda admiração pelo professor de Matemática Antônio Monteiro, o Tio Antônio, ou palhaço Chantilin, que atua há 26 anos no magistério na Secretaria de Educação do Pará. Tio Antônio tem um jeito especial de lidar conosco porque, além de professor de Matemática, é professor de Teatro e encanta crianças e adolescentes com seu personagem, o palhaço Chantilin, levando doçura e a magia do clown para nosso cotidiano. Ele é um espetáculo de professor.

Jaqueline Souza / Abaetetuba (PA) – Ensino Médio

▶ Augusto Barbosa, professor de História e hoje vereador. Lembro que ele tinha uma oratória fantástica e uma verbalização do contexto. Fazia a gente viajar no tempo. Tinha muita vibração na conversa com os alunos.

Paulo Anete / Abaetetuba (PA) - Ensino Médio

▶ A professora de literatura Maria Helena Carrasqueira, no Ensino Médio. Ela causou um rebuliço na minha cabeça. Além da literatura, ela introduziu novos conceitos de vida. Ela ensinava aproximando a literatura da nossa vida. Eu tinha 15 anos e achava que sabia de tudo. Eu gostava de ler, mas lia coisas fúteis. A partir das aulas dela, eu aprendi a ler e comecei a ler muito mais. Isto também me ajudou a escrever mais e melhor.

Conceição da Costa / Campo Limpo Paulista (SP) – EJA



A professora Julmara e a diretora Marilda

Uma das duplas vencedoras do XI Prêmio Arte na Escola Cidadã, em 2010, a professora Julmara Goulart Goulart Sefstrom e a diretora Marilda Gava Martinello, do município de Forquilha, na zona rural de Santa Catarina, relatam aqui os principais caminhos percorridos na construção do projeto premiado e destacam a importância do trabalho conjunto entre professor e direção na superação dos desafios.

A GESTORA > O gestor atual não é somente um administrador de obstáculos, mas sim um administrador de ideias em busca do diferencial dentro do contexto em que está inserido. Para o gestor não devem existir impossibilidades, mas desafios que oportunizam o grande diferencial de sua gestão. Gerenciar significa também incentivar o professor a navegar nos conceitos de sua disciplina e desenvolver projetos com seus alunos.

Foi no final de 2008 que surgiu em nossa escola, na zona rural de Forquilha (SC), o tema “agricultura familiar”. Estava lançada a sementinha para a temática que fosse desenvolvida ao longo de 2009. Para alçar voo nesta direção iniciamos o planejamento com discussões sobre o desafio de trabalhar a valorização do agricultor junto aos alunos, filhos dos trabalhadores rurais. Assim nasceu o Projeto Pedagógico em que todos os profissionais da escola se envolveram.

Neste processo destacou-se a professora de Arte, Julmara Goulart Sefstrom, reconhecida pelo XI Prêmio Arte na Escola Cidadã. Ela foi o grande diferencial. Com garra e trabalhos sempre focados no tema proposto, rompeu os muros da escola, mantendo o elo entre a teoria, os conceitos da Arte e o contexto escolar. Além disso, despertou o interesse dos alunos, levando-os a serem protagonistas de trabalhos significativos. É neste momento que a função do gestor passa a ser a de acolhimento das discussões, de incentivo e de apoio ao professor para que se sinta seguro e faça o seu trabalho com desenvoltura e sem medos.

A conquista do Prêmio serviu como um grande estímulo para cada vez mais acreditarmos na aprendizagem por projetos. Projeto que nasce de um problema, provoca, leva a indagações, questionamentos, discussões do meio e conhecimentos teóricos. Assim, professor e aluno passam a ter um novo olhar, respeitando as diversidades e até mesmo mudando sua postura diante da problemática. Trabalhar dessa forma produz um sabor especial de que vale a pena fazer diferente, de que vale a pena acreditar que mudanças significativas possam surgir.

Marilda Gava Martinello - pedagoga, com pós-graduação em Metodologia e Prática Interdisciplinar do Ensino e diretora da Escola de Educação Básica ÂNGELO IZÉ

A PROFESSORA > Reconheço que uma das grandes vantagens em se trabalhar por projetos é o fato de não haver uma trajetória fixa, engessada. Como o caminho não está todo traçado, os alunos se tornam parceiros do professor e protagonistas do processo.

Ressalto que ter uma trajetória flexível não significa falta de planejamento, pelo contrário: para se trabalhar com projetos é necessário que o professor dedique muito mais tempo ao planejar, tendo uma postura de pesquisador; precisa ter clareza de onde deseja chegar, que recursos pretende utilizar e de que forma garantirá o aprendizado dos conceitos de Arte.

No caso do projeto “O ensino da arte e a valorização do agricultor”, defini que o eixo seria a questão da comunidade rural, as identidades dos alunos. Definido o tema, parti para uma longa pesquisa de imagens, artistas e movimentos artísticos, que pudessem vir ao encontro do eixo norteador e promovessem o aprendizado de Arte. Isto é muito importante, pois há projetos que se preocupam mais com o contexto social e se esquecem dos conceitos da arte.

Minha posição diante da comunidade escolar sempre foi a de envolver também os pais dos alunos. Realizei entrevistas com as famílias, solicitava materiais do contexto deles, enfim, procurava fazer com que eles soubessem que seus filhos estavam tendo a oportunidade de ver no ensino de Arte uma extensão de suas vidas, já que, em minha opinião, não é possível separar arte e vida.

A parceria com a equipe gestora, que não mediu esforços em todo o percurso, valorizando a todo o tempo a disciplina de Arte foi fundamental para o sucesso deste projeto. Os entraves existentes em relação ao ensino de Arte na escola pública (escassez de material, ausência de sala de Arte, etc) foram superados pelo trabalho conjunto entre professor de Arte e gestão, gestão essa que forneceu apoio material e esteve aberta a trocas de ideias por meio de constantes diálogos. <<

Julmara Goulart Sefstrom - formada em Artes Visuais com especialização em “Educação Estética: arte e as perspectivas contemporâneas” pela UNESC.

Um prêmio para professores bem preparados e culturalmente engajados

» Os trabalhos vencedores do XI Prêmio Arte na Escola Cidadã comprovam como duas premissas são imprescindíveis para os alunos adquirirem um aprendizado de Artes com qualidade e conteúdo: um professor com sólida formação artística e pedagógica e a valorização da cultura como conhecimento. As cinco professoras e um professor premiados em 2010 conseguiram unir estes pré-requisitos de uma forma criativa e inovadora, envolvendo os alunos, a escola e a comunidade. Todos os vencedores têm curso superior em Artes, fizeram especialização em alguma linguagem artística ou pedagógica e continuam estudando até hoje - três frequentam os Polos da Rede Arte na Escola e duas já têm pós-graduação. Os projetos ganhadores têm componentes culturais marcantes, sejam eles visuais, cênicos, musicais ou de dança. Vale ressaltar a participação de outras disciplinas atuando em conjunto com Artes, numa demonstração de que o ensino é essencialmente multidisciplinar.

A coordenadora do Prêmio, Mirca Bonano, ressalta que os vencedores, entre os 587 projetos inscritos, atenderam aos principais critérios avaliados pelos 112 especialistas das comissões locais, regionais e nacional: "se houve aprendizado dos alunos, se os educadores se valeram da arte regional e se o professor documentou seu projeto adequadamente".

Na cerimônia de premiação, dia 27 de outubro, na Pinacoteca do Estado, em São Paulo, a presidente do Instituto Arte na Escola, Evelyn Ioschpe, destacou que o Prêmio é o reconhecimento do valor do trabalho em sala de aula e o resultado da capacitação contínua do professor. "Há mais de 20 anos o Instituto Arte na Escola vem desenvolvendo este trabalho de capacitação dos professores de Artes. É preciso capacitar, capacitar e capacitar o professor. Cabe ao professor estender aos seus alunos a magia da arte", afirmou Evelyn Ioschpe.

Na opinião de Wasti Ciszewski, membro da Comissão Nacional de Avaliação, os projetos premiados "podem ser considerados como propostas de ensino de excelência, que trouxeram questões inovadoras, importantes e significativas para o desenvolvimento do ensino de Artes no Brasil".

O sertão e a metrópole

A Saga de Antônio Dó pelo Sertão de Minas, uma peça de teatro desenvolvida pela atriz e professora Janaina Sandoval, venceu na categoria Educação Infantil. É fruto do projeto Escolas Irmãs, um programa do Governo Federal de intercâmbio cultural e pedagógico entre escolas de diferentes realidades sociais e culturais - no caso a escola particular Espaço Aberto, em



São Paulo, onde Janaina leciona, e a Escola Municipal Santo Agostinho, no município de Chapada Gaúcha, no sertão mineiro.

Janaina conta que quando assistia ao festival de cultura popular "Encontro dos Povos" na cidade mineira, se apaixonou e decidiu agir. "Conheci as dificuldades daquele lugar, conheci a escola, me apaixonei pelo lugar e resolvi ajudar; voltei com a cabeça fervendo de ideias", diz. Janaina levou para São Paulo uma série de elementos do repertório cultural daquela região. Entre eles, a história de Antonio Dó, um fazendeiro que virou jagunço.

Com os alunos envolvidos pelas histórias do universo sertanejo, contadas em cantigas de roda, artesanatos, fotos, vídeos e livros, Janaina propôs a estética do tea- »»

4

**Professora
Janaina com
seus alunos
(à direita)**

» tro de rua, onde não há coxia e todos os personagens ficam no palco. "Eu não trabalho com decoração de fala, trabalho com intenção da proposta. Foi um espetáculo cênico-musical com um coro forte e todos juntos no palco", relata.

Na opinião de Janaina, nesta fase do desenvolvimento infantil é muito importante trabalhar o coletivo, já que eles têm na escola o primeiro convívio social. "Não adianta o professor fazer um trabalho sozinho. Temos que oferecer oportunidade e estimular o aluno. Minha aula tem atenção, curiosidades, respeito pela diferença e paciência. O professor não pode se acomodar. Tem que ser inquieto", ensina.

Na visão de Melina Risso, da Comissão Nacional de Avaliação do Prêmio, "a professora trabalhou a temática de forma muito pertinente e introduziu um trabalho com música muito bem estruturado".

Cidade em poesia

No Ensino Fundamental I, a premiada foi Soraia Cristina Cardoso Leles, autora do projeto Poéticas Urbanas: cidadão e cidadania – da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (MG). Envolveu 75 alunos do 5º ano e foi marcado pela interdisciplinaridade entre as áreas de Artes, História e Língua Portuguesa, com enfoque no Patrimônio Histórico e Cultural de Uberlândia.

Os alunos fizeram um passeio turístico por todos os patrimônios da cidade, tudo registrado através de



várias linguagens artísticas e os mais diversos materiais, desde sucatas até "portfólios virtuais", como um recurso chamado stop motion, no qual mais de mil fotos digitais criaram um efeito de desenho animado. "O projeto abordou uma pedagogia contextualizada e a aprendizagem se deu mediante as metodologias que colaboram para a nutrição estética do olhar e não só do fazer artístico", diz a professora.

A parceria com a Secretaria de Cultura – que gerou o convite para que os alunos participassem da inauguração da restauração do Mercado Municipal, construído nos anos 40 do século passado – demonstra que o envolvimento do poder público é vital para o sucesso escolar. "O convite enriqueceu muito nossas pesquisas", constata Soraia.

Frequentadora do Polo Arte na Escola na Federal de Uberlândia desde a sua criação, em 1989, ela conta que sempre consulta o acervo disponível: recursos didático-pedagógicos, multimídia, imagens e livros. "A nossa formação e a busca contínua e efetiva pela pesquisa em Arte e Ensino são a mola propulsora que nos faz transitar pelo novo e dialogar com experiências vivenciadas", explica.

Na opinião de Maria Margareth de Lima, membro da Comissão Nacional de Avaliação, o valor deste projeto é que "a professora fez a mediação, problematizou, refletiu e incluiu os alunos como sujeitos da aprendizagem".

Da vergonha ao orgulho

Quando debatiam o projeto pedagógico de 2009, a professora Julmara Goulart e a diretora Marilda Martinello, da Escola Estadual Ângelo Izé, da zona rural de Forquilha, Santa Catarina, perceberam que os alunos sentiam vergonha de assumir sua origem rural. "Professora, tem gente que chama o agricultor de colono grosso"; "tem gente que chama o agricultor de pé sujo"; "muitas pessoas não pensam que somos nós que colocamos a comida na mesa". Ao ouvir estas frases dos alunos, ela resolveu tentar mudar esta percepção e começou a planejar o projeto O Ensino da Arte e Valorização do Agricultor, vencedor do Fundamental II. O projeto envolveu todos os 230 alunos. Na 5ª série, eles levaram para a sala de aula produtos produzidos pelos pais e criaram produções artísticas com tintas naturais. Na 6ª série, a turma foi a campo fotografar e »

Uberlândia recriada em massinha pelos estudantes (à esquerda)

Reprodução de fotografias em tecido (abaixo)



» entrevistar agricultores, coletando materiais que deram origem a diversas produções artísticas como fotopinturas e uma instalação. Na 7ª série, os alunos produziram arte abstrata a partir de objetos relacionados ao trabalho dos pais. Já a 8ª série usou a poesia para falar do agricultor e cada aluno produziu um livro de cordel, com capa em xilogravura.

Julmara, que frequenta o Polo do Arte na Escola na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), em Criciúma, diz que ao final do projeto "os alunos passaram a ter orgulho de sua origem". Ela cita o depoimento de uma mãe de um aluno: "Expor a profissão do agricultor nem sempre é fácil para algumas crianças, por terem vergonha de ser menos valorizados. E com estes trabalhos eles veem como são importantes".

Paola Zordan, uma das avaliadoras da Comissão Nacional, considera o projeto "exemplar". "Ele trabalha com todas as séries, os alunos pesquisam muito e é um projeto que desmistifica a história de que é impossível trabalhar um bom projeto de Arte na escola, pelo pouco espaço de aula na grade curricular", afirma.

Dia das Bruxas não

O projeto premiado na categoria Ensino Médio é um ótimo exemplo de como a arte regional é forte e consegue se sobrepôr à chamada globalização cultural de massa. Ao chegar para dar aula no Colégio Estadual São Francisco Xavier, em Abaetetuba, Pará, a professora Jaqueline Souza, atriz e artista plástica, e seu colega Paulo Anete, também artista plástico e carnavalesco, ficaram inconformados ao ver que a temática do projeto de artes seria o Halloween, o Dia das Bruxas comemorado nos países de língua inglesa. Decidiram mudar tudo e inventaram um projeto baseado nas lendas da floresta amazônica.

O Auto da Barca Amazônica contagiou os estudantes, rompeu os muros da escola, foi abraçado por toda a comunidade e se transformou num espetáculo de dança, circo e teatro que reúne hoje mais de 2 mil pessoas em um imenso cortejo pelas ruas de Abaetetuba.

Mas não parou por aí e ganhou também um blog: <http://www.autodabarcamazonica.blogspot.com/>

Todos os adereços, cenários e figurinos são construídos pelos alunos, com materiais encontrados na região, como o miriti, uma fibra de palmeira conhecido como isopor da Amazônia. Também são utilizados materiais recicláveis. "Assim trabalhamos também a conscientização ambiental através do reaproveitamento do lixo", ressalta a professora premiada, que já participou de oficinas oferecidas pelo Polo do Arte na Escola na Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém, onde também costuma fazer empréstimos de DVDs.

Paulo Anete diz que o pouco tempo de aula (duas aulas de 45 minutos por semana) não foi empecilho. "Trabalhamos nos finais de semana, de dia e de noite. Foi uma oportunidade de ensinar arte de uma forma diferente, fora da sala de aula e promover a cultura popular", afirma.

Jaqueline diz que mesmo com a carência de cultura na cidade (Abaetetuba não tem teatro, cinema, centro cultural), o projeto conseguiu "a aceitação de 100%" dos alunos. "O Auto da Barca Amazônica busca oferecer a esses jovens uma alternativa do ensino de Artes valorizando a sua cultura, seu modo de vida, sua arte. Acreditamos que este projeto contribui no processo de



reação frente aos problemas sociais que vivemos hoje em nossa sociedade", afirma.

Vicente Concilio, da Comissão Nacional de Avaliação, diz que "o interessante do projeto foi a utilização do teatro como linguagem que abrange todas as outras linguagens da Arte, sem perder sua especificidade e levando em consideração que os alunos são os principais executores".

Arte e História de mãos dadas

O projeto Portinari: O Museu Como Espaço de Conhecimento, vencedor do XI Prêmio Arte na Escola Cidadã de Educação de Jovens e Adultos (EJA), é a prova »

6

Alegoria feita de miriti sendo transportada para a festa (à direita)

Jovens ensaiam um número de dança (abaixo)



» de que integrar as disciplinas é uma excelente estratégia para garantir o aprendizado. Ao conciliar o ensino de Arte e História, a professora Conceição da Costa conseguiu atrair o interesse dos alunos em conhecer e entender como a cultura cafeeira e a arte moderna contribuíram para o desenvolvimento do Brasil. Realizado no Centro Municipal de Educação de Jovens a Adultos (CMEJA) Professor André Franco Montoro, em Jundiaí, São Paulo, o projeto surgiu dentro do



FERNANDO MONTEIRO

Vencedores celebram antes da premiação



FERNANDO MONTEIRO



Programa Educativo para Públicos Especiais (PEPE), da Pinacoteca do Estado, através de uma parceria entre a escola e o Museu Histórico e Cultural de Jundiaí.

"Por se tratar de uma escola diferenciada, na qual os alunos não tem uma frequência diária, tivemos que propor uma atividade diferente para cada dia e que desse conta de desenvolvermos nossos objetivos", relata Conceição. A partir da análise e comparação das obras de Cândido Portinari e de Antonio Ferrigno, o trabalho envolveu poesia, literatura e a encenação de um "quadro-vivo" da obra "O Lavrador de Café", utilizando figurinos feitos pelos alunos.

Abrangeu também temas como a questão agrária e a construção da identidade dos alunos, por meio da reflexão sobre o preconceito e a discriminação. A professora frisa que na visita ao museu foi muito expressiva a participação dos estudantes. "Pudemos perceber que eles haviam apreendido os conhecimentos que foram transmitidos em nossos encontros anteriores à visita. Eles perceberam que a arte conta a história e traz consigo uma gama de significados e simbolismos", afirma.

Na opinião de Anderson Paiva, do júri nacional, o projeto proporcionou aos alunos "trabalhar a temática proposta, promovendo uma reflexão sobre o fazer artístico e sua inserção no espaço da cidade e do museu".

Cantar e cantar e cantar

Na cerimônia de premiação, bastante emocionados, como não poderia deixar de ser, os professores agradeceram ao Instituto Arte na Escola a oportunidade de terem seus trabalhos reconhecidos fora da escola. E deram seu recado.

Janaina citou o escritor alemão Goethe, para defender a liberdade e o respeito ao ser humano; Julmara cantou Gonzaguinha (cantar e cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz); Soraia destacou o reconhecimento da Arte como área do Saber; Jaqueline exaltou a força da comunidade e do cooperativismo; e Conceição fez uma recomendação: corram atrás dos seus sonhos.

Os premiados: Conceição, Paulo, Jaqueline, Julmara, Soraia e Janaína.

Aluno reproduz personagem da obra de Portinari (à esquerda)

7

«

[Clique aqui e assista aos documentários que mostram estas cinco histórias vencedoras.](#)

Instrumentos avaliativos como espelhos dos processos de ensino-aprendizagem

Ao avaliar os resultados obtidos pelos alunos, o professor está avaliando também suas práticas, pois, além destas estarem intimamente implicadas na qualidade da aprendizagem, se explicitam nos instrumentos avaliativos.

» Com a proposta de observar os aspectos e as concepções sobre a avaliação em arte, um Grupo de Trabalho (GT) composto por quinze profissionais¹ de educação, com experiências em contextos diferenciados, analisou os seguintes instrumentos de avaliação para o contexto do Ensino Médio em primeiras séries de escolas do Rio de Janeiro: uma prova formal aplicada em uma escola pública; um questionário avaliativo das atividades de uma escola privada, que incluía as respostas dos alunos e o programa do curso; e um trabalho plástico, em imagem digital, de alunos de uma escola pública.

O GT partiu da constatação de que instrumentos de avaliação são espelhos dos processos de ensino-aprendizagem desenvolvidos pelos professores, e como tal, podem possibilitar uma percepção e posterior avaliação do próprio processo.

A partir dos procedimentos adotados nos materiais avaliativos, é possível perceber o teor dos procedimentos adotados anteriormente em sala de aula. Por exemplo, numa prova onde predominem questões que verificam a memorização de datas, fatos e nomes, revelam processos de ensino-aprendizagem que valorizam a acumulação de dados e informações, em detrimento de processos que envolvam a reflexão, a interpretação, o fazer artístico e a contextualização de imagens/obras de arte.

O ensino da arte na contemporaneidade requer uma concepção de avaliação diagnóstica, processual e dinâmica, que ofereça ao professor a possibilidade de diagnosticar problemas de aprendizagem em seus alunos, e, ao mesmo tempo, possíveis problemas nas suas próprias práticas e métodos de ensino, de forma que sua avaliação possibilite o aprimoramento de suas propostas, a partir dos resultados avaliados. O professor deve reavaliar continuamente os percursos e decisões pedagógicas, pensando novas possibilidades de ensino, e os materiais avaliativos utilizados e seus resultados são importantes instrumentos para a avaliação contínua de suas práticas.

Não caberia, no âmbito deste texto, detalhar as conclusões tiradas a partir de cada instrumento analisado, uma vez que estes não foram aqui expostos, mas, em caráter conclusivo, o Grupo ressalta as seguintes necessidades:

- dos instrumentos apresentarem clareza nas questões propostas, pois os materiais avaliativos devem ser elaborados de forma a poderem ser mais uma oportunidade de conduzir o aluno ao raciocínio e à construção do conhecimento;
- da participação dos alunos no processo de avaliação;
- do cuidado com a extensão dos programas, que podem impossibilitar uma aprendizagem significativa para os alunos;
- do cuidado com a ênfase na memorização de dados, em detrimento da proposição de associações com conhecimentos anteriormente articulados;
- da adequação da linguagem utilizada à faixa etária e grau de aprendizagem dos alunos

A análise desses instrumentos e a sinalização para possíveis fissuras nos processos de aprendizagem que os envolveram reafirmou a nossa percepção da avaliação contínua, tanto como parte integrante dos processos de ensino-aprendizagem dos alunos, como também como instrumento de auto-avaliação do professor, enquanto registro para análise deste processo. Tanto a prova, como o questionário e o trabalho plástico revelaram algumas dinâmicas presentes nas práticas nas quais estavam inseridos, apontando para as diferentes concepções pedagógicas implícitas nestes processos. Esperamos que nossas reflexões possam contribuir com o desenvolvimento de futuros estudos sobre avaliação em arte.

Greice Cohn

Coordenadora do GT realizado durante o 23º Encontro Nacional da Rede Arte na Escola, em Recife, em outubro de 2009, Coordenadora Pedagógica do Polo Arte na Escola/UFRJ e professora de Artes Visuais do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro.

¹ Cleide

Albuquerque

(UDESC); Vera

Lucia Fernandes

(UFMS), Carla

Süssenbach

(CANOINHAS/SC),

Manoela Afonso,

Tânia Cristina

Ribeiro(UFMA),

Amalthena Baesso

Reddig (UNESC),

Sinara Maria

Boone (UCS),

Berenice M. B.

Romanelli (UFPR),

José de

Vasconcelos Silva

(UNIFAP), Nara

Maria Górski (UNI-

CENTRO/PR),

Maria do Socorro

Silva (UFPB),

Helenita Assunção

Nakamura (UFRN),

Sebastião

Pedrosa (UFPE) e

Rosana

Berwanger Silva,

(UNIJUÍ).

